

## 23

## Eles viverão

Onze anos após a crucificação do Mestre, Tiago, o pregador, filho de Zebedeu, foi violentamente arrebatado por esbirros do Sinédrio, em Jerusalém, a fim de responder a processo infamante.

Arrancado ao pouso simples, depois de ordem sumária, ei-lo posto em algemas, sob o sol causticante.

Avançando ao pé do grande templo, na mesma praça enorme em que Estêvão achara o extremo sacrifício, imensa multidão entrava-lhe a jornada.

Tiago, brando e mudo, padece, escarnecido.

Declaram-no embusteiro, malfeitor e ladrão.

Há quem lhe cuspa no rosto e lhe esfaquele a veste.

— “À morte! à morte!...”

Centenas de vozes gritam inesperada condenação, e Pedro, que de longe o segue, estarecido, fita o irmão desditoso, a entregar-se humilhado.

O antigo pescador e aprendiz de Jesus é atado a grande poste e, ali mesmo, sob a alegação de que Herodes lhe decretara a pena, legionários do povo passam-no pela espada, enquanto a turba estranha lhe apedreja os despojos.

Simão chora, sôzinho, ao contemplar-lhe os restos, voltando, logo após, para o seu humilde refúgio.

Depois de algumas horas, veio a noite envolvente acalantar-lhe o pranto.

De rústica janela, o condutor da casa inquire o céu imenso, orando com fervor.

Porque a tempestade? porque a infâmia soez? O pobre amigo morto era justo e leal...

Incapaz de banir a ideia de vingança, Pedro lembra os algozes em revolta suprema.

Como desejaria ouvir o Mestre agora!... que diria Jesus do terrível sucesso?!...

Neste instante, levanta os olhos lacrimosos, e observa que o Cristo lhe surge, doce, à frente.

E' o mesmo companheiro de semblante divino.

Ajoelha-se Pedro e grita-lhe:

— Senhor! somos todos contados entre os vermes do mundo!... porque tanta miséria a desfazer-se em lama? Nosso nome é pisado e o nosso sangue verte em homicídio impune... A calúnia feroz espia-nos o passo...

E talvez porque o mísero soluçasse de angústia, o Mestre aproximou-se e disse com carinho, a afagar-lhe os cabelos:

— Esqueceste, Simão? Quem quiser vir a mim carregue a própria cruz...

— Senhor! — retrucou, em lágrimas, o apóstolo abatido — não renego o madeiro, mas clamo contra os maus... Que fazer de Joreb, o falsário infeliz, que mentiu sobre nós, de modo a enriquecer-se? que castigo terá esse inimigo atroz da verdade divina?

E Jesus respondeu, sereno, como outrora:

— Jamais amaldiçoos... Joreb vai viver...

— E Amenab, Senhor? que punição a dele, se armou escuro laço, tramando-nos a perda?

— Esqueçamo-lo em prece, porque o pobre Amenab vai viver igualmente...

E Joachim ben Mad? não foi ele, talvez, o inspirador do crime? o carrasco sem fé que a todos atraígoa? Com que horrenda aflição pagará seus delitos?

— Foge de condenar, Joachim vai viver...

— E Amós, o falso Amós, que ganhou por vender-nos?

— Olvidemos Amós, porque Amós vai viver...

— E Herodes, o rei vil, que nos condena à morte, fingindo ignorar que servimos a Deus?

Mas Jesus, sem turvar os olhos generosos, explicou simplesmente:

— Repito-te, outra vez, que quem fere, ante a lei será também ferido... A quem pratica o mal, chega o horror do remorso... E o remorso voraz possui bastante fel para amargar a vida... Nunca te vingues, Pedro, porque os maus viverão e basta-lhes viver para se alçarem à dor da sentença cruel que lavram contra eles mesmos...

Simão baixou a face banhada de pranto, mas ergueu-a em seguida, para nova indagação...

O Senhor, entretanto, já não mais ali estava. Na laje do chão só havia o silêncio que o luar renascente adornava de luz...



## O Anjo, o Santo e o Pecador

O Pecador escutava a orientação de um Santo, que vivia, genuflexo, à porta de templo antigo, quando, junto aos dois, um Anjo surgiu na forma de homem, travando-se breve conversação entre eles.

O ANJO — Amigos, Deus seja louvado!

O SANTO — Louvado seja Deus!

O PECADOR — Louvado seja!

O ANJO (Dirigindo-se ao Santo) — Vejo que permaneceis em oração e animo-me a solicitar-vos apoio fraternal.

O SANTO — Espero o Altíssimo em adoração, dia e noite.

O ANJO — Em nome d'Ele, rogo o socorro de alguém para uma criança que agoniza num lupanar.

O SANTO — Não posso abeirar-me de lugares impuros...

O PECADOR — Sou um pobre penitente e posso ajudar-vos, senhor.

O ANJO — Igualmente, agora, desencarnou infortunado homicida, entre as paredes do cárcere... Quem me emprestará mãos amigas para dar-lhe sepulcro?

O SANTO — Tenho horror aos criminosos...

O PECADOR — Senhor, dispõe de mim.

O ANJO — Infeliz mulher embriagou-se num